

ARQUITETURA BRASILEIRA: EVOLUÇÃO DA SETORIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA CASA DO PERÍODO COLONIAL AO NOVO PARADIGMA DE VILANOVA ARTIGAS

MATUSITA, Gabriela Cardias Figueiredo.¹
BITTENCOURT, Anne Caroline Fischdick.²
DINIZ, Mariana Pizzo.³
MEURER, Sabrina Patricia.⁴
ANJOS, Marcelo França dos.⁵

RESUMO

O presente artigo versa sobre o estudo do processo evolutivo da setorização e implantação da casa do período colonial até uma nova organização proposta pelo arquiteto modernista brasileiro Vilanova Artigas. Desta maneira, através de uma breve fundamentação histórica, explicitam-se os principais ambientes da casa colonial brasileira e a tradicional implantação e disposição de seus cômodos, além da apresentação de seus materiais construtivos. Na sequência, propõe-se a comparação destes parâmetros coloniais com a disposição criada por Vilanova Artigas. Por meio de diagramas de setorização da planta baixa de duas casas projetadas por ele, a casa Luís Bettega e a segunda residência do arquiteto, analisam-se a disposição dos setores, implantação e materiais empregados em seus respectivos projetos. Após a investigação, delineou-se a existência de uma inversão da setorização e implantação nas propostas de Artigas, comprovando assim a hipótese proposta pela pesquisa inicial.

PALAVRAS-CHAVE: Vilanova Artigas, Modernismo, Arquitetura Colonial, Setorização.

1. INTRODUÇÃO

O assunto abordado na linha de pesquisa de arquitetura e urbanismo, no grupo de pesquisa TAR - Teorias de Arquitetura - é a arquitetura brasileira, do período colonial à modernidade. O tema é a análise da evolução da disposição dos ambientes e da implantação, do período colonial até a nova proposta de setorização desenvolvida pelo arquiteto Vilanova Artigas, exemplificada a partir do estudo de dois projetos do arquiteto: a casa Luís Bettega (1953) e a segunda residência destinada ao uso do próprio Artigas (1949). A análise proposta neste trabalho justifica-se pelas contribuições que poderá trazer para a compreensão sociocultural e estética da época, no campo da Arquitetura. Além disso, sua relevância também se revela no campo histórico da Arquitetura, considerando-se as

¹Graduada em Administração Geral pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Cascavel – PR. Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: gabicfigueiredo@outlook.com.

²Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: acfbittencourt@outlook.com.

³Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: mpdarquitetura@gmail.com.

⁴Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: sabrinameurer08@hotmail.com.

⁵ Professor orientador, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/Uel. E-mail: anjos@fag.edu.br.

distinções do processo de evolução que se dão na disposição dos ambientes das residências brasileiras. Tendo como problema de pesquisa: o arquiteto modernista Vilanova Artigas modificou a forma de dispor e implantar os ambientes da casa brasileira, em oposição aos períodos anteriores? Para tal problema foi formulada a seguinte hipótese: a partir de uma inversão dos setores de serviço e social, houve vantagens proporcionadas com a modificação da setorização e implantação dos ambientes, proposta por Vilanova Artigas na arquitetura modernista. Intencionando a resposta ao problema da pesquisa, foi elaborado o seguinte objetivo geral: analisar a evolução da disposição dos ambientes e da implantação da casa brasileira, considerando a arquitetura colonial até a modernista, proposta por Vilanova Artigas e o seu novo paradigma de setorização. Para o atingimento desse objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos: a) levantar material pertinente ao assunto, tais como plantas, referenciais teóricos, croquis, entre outros; b) analisar as plantas baixas e sua setorização das casas urbanas do período colonial; c) apresentar breve biografia do arquiteto Vilanova Artigas e seu método projetual; d) analisar duas obras do arquiteto Vilanova Artigas para a comprovação ou refutação da inversão da setorização, implantação e materiais da casa colonial para a moderna; e) sintetizar as análises, discussões e considerações finais da pesquisa em questão.

2. A CASA COLONIAL E A NOVA PROPOSTA DE VILANOVA ARTIGAS.

Diante das inovações trazidas por Artigas ao mundo da Arquitetura, a inversão das plantas das casas é parte das propostas que o tornaram conhecido e que o identificaram como arquiteto do social. Assim, uma das frases mais usadas por João Batista Vilanova Artigas, como afirma Guillermo e Ramos (2016) e Martins (2001), foi “A casa como cidade, a cidade como casa”, a qual resume bem sua visão sobre a arquitetura. Para Artigas e Lira (2004, p.44), “a casa popular foi apontada de forma glosada, analisada por todos os profissionais da área, sob todos os jeitos prováveis e inacreditáveis, em todos os lugares. [...] o primordial era retirar as barreiras, os princípios estéticos que comprometiam o resultado final”. Deste modo, como afirma Buzzar (2014), o fundamental era conceber uma casa que se tornasse uma ‘máquina de morar’, seguindo o ritmo do ‘século da velocidade’, da agitação, alinhada ao período da máquina a dos contornos puros do avião, numa reprodução custosa de alegações que tinham por objetivo desviar o foco para um novo elemento (BRUAND, 2005). De acordo com Nehme (2012, p. 16), “o rompimento do paradigma da equiparação simétrica e matemática iniciou uma nova etapa para a desestruturação da unidade da



visão arquitetônica”. Isto porque, até certo período, a criação arquitetônica estava embasada em um protótipo de organização que não aceitava a presença de elementos individualizados em uma obra arquitetônica. Segundo esta concepção, portanto, é que se pode verificar uma inversão das plantas tradicionais construídas antigamente (1500 – 1930) com as plantas planejadas pelo arquiteto modernista Vilanova Artigas (SEGRE, 2004). Na década de 1930, a arquitetura moderna se concretizou no Brasil com o projeto do Ministério da Educação e Saúde. As características típicas da cultura brasileira formaram a composição desse projeto, tanto que Bruand e Montaner comentaram a relação entre a arquitetura colonial, uma arquitetura simples, e a arquitetura moderna no Brasil. Assim, para a difusão da arquitetura moderna, e o surgimento de uma arquitetura moderna local, a presença de arquitetos paulistas e cariocas foi relevante influenciador, contando ainda, com a contribuição de arquitetos que saíram de seus Estados para estudar em outros lugares, como é o caso de João Batista Vilanova Artigas (SANTOS, 2006). Professor, engenheiro, arquiteto e urbanista, João Batista Vilanova Artigas nasceu em Curitiba, no ano de 1915 e morreu em São Paulo no ano de 1985, quando estava com apenas 69 anos de idade. (ENCICLOPÉDIA CULTURAL ITAU, 2015). Em sua carreira de produção se distinguem três momentos ou fases, sendo a primeira identificada como “Wrightiana” de 1938 até 1946, a segunda chamada de “Corbusiana”, de 1946 à 1955, e a terceira fase, que se dá a partir de 1955, identificada pelo “brutalismo” de origem europeia. (WEBER, 2005). De acordo com Reis Filho (2004, p. 15) as construções edificadas em épocas passadas no Brasil, nas principais cidades, foram estruturadas conforme as necessidades da época e, eram inspiradas pelas construções portuguesas. “Em cada período há uma maneira característica de pensar a arquitetura e relacioná-la com a forma urbana, com isso, a funcionalidade das edificações de séculos passados não suprem as necessidades atuais” (ZORRAQUINO, 2008).

2.1 CONCEITUAÇÃO DAS ANÁLISES

2.1.1 Análise Espacial

Uma análise espacial constitui-se em avaliar o espaço construído a partir da planta baixa e o plano de necessidades, considerando os planos verticais e horizontais. Segundo Neves (1989), elementos externos, como a ação dos ventos e a incidência solar, podem interferir, especialmente, na disposição do edifício no terreno, conseqüentemente na sua distribuição espacial dos setores e dos elementos do programa.



Consegue-se elaborar um projeto arquitetônico com perspectivas a uma interpretação espacial das funções e atividades previstas para os usuários, e um novo diferencial arquitetônico, ou análise da relação entre forma e função na arquitetura podem ser ideias predominantes. Seja qual for o caso, o trabalho requisita a apreciação de cada atividade ou função a ser desempenhada no edifício e no estabelecimento, de como e onde serão cumpridas, para a definição dos cômodos ou ambientes arquitetônicos a constarem no programa (NEVES, 1989).

2.1.2 Análise De Materiais

A escolha dos materiais ocorre de acordo com a disponibilidade da época, além das condições térmicas e acústicas, selecionando o tipo de cobertura, estrutura, materiais de revestimento das paredes, além de pisos e janelas. Analisar os materiais, segundo Neves (1989), pode criar também inúmeras estratégias construtivas para contribuir na melhoria do conforto.

Ao escolher a forma da edificação, o projetista está tomando uma decisão de projeto. Quando ele determina o modo de ocupação do edifício no terreno, ele está adotando outra decisão de projeto. Ao definir o número de pavimentos da edificação, o projetista também está decidindo sobre o projeto. Da mesma forma, ele decide sobre o projeto quando difunde os elementos do programa nos vários pavimentos, como o tipo de cobertura, sua forma e estrutura de sustentação, quando sugere os setores e os elementos do programa que irão permanecer em tal ou qual orientação no que se refere ao sol e aos ventos dominantes, aos tipos de acessos e seus locais no terreno, elementos da fachada, esquadrias, texturas e principalmente os materiais. Contudo, o projetista deve se atentar aos materiais que utilizará em sua obra, pois essa, como as demais decisões, é de extrema importância (NEVES, 1989).

2.1.3 Análise da Implantação

Implantar um edifício constitui-se na escolha de um terreno, e para Neves (1989), um terreno proposto para a implantação de uma edificação deve ter algumas características físicas compatíveis com o uso a ser oferecido à construção, fundamentalmente ao tema arquitetônico, a sua finalidade principal e ao usuário.

Entendido os aspectos mais importantes para a seleção de um terreno para a implantação de um edifício, compreendida a importância de cada um deles e seu papel a ser



exercido, é de grande valia uma referência sobre como agir para selecionar um entre os terrenos apontados para a escolha (NEVES, 1989).

Uma análise de implantação constitui-se em avaliar as vantagens oferecidas pelos agentes naturais, para se obter o conforto almejado no edifício, eliminando as desvantagens desses mesmos agentes, além de representar a posição em que a edificação se localiza no terreno, demarcando os recuos e alinhamentos necessários.

3. METODOLOGIA

Portanto, o presente artigo se desenvolverá por meio de pesquisa bibliográfica, onde serão utilizados livros, artigos científicos, teses e dissertações assim como proposto por Vianna (2001), Medeiros e Tomasi (2008). Foi realizada também, seguindo a metodologia sugerida por Zevi (1996), uma análise das imagens das plantas baixas, da implantação e dos materiais utilizados no período colonial e nos dois momentos da arquitetura de Vilanova Artigas – a primeira, casa projetada em 1949 e finalizada em 1953, para o médico João Luis Bettega e sua família; e a segunda foi a casa edificada em 1949 como sua segunda residência – utilizando-se de esquemas gráficos para identificar possíveis mudanças e similaridades nos aspectos funcionais, materiais e de implantação das obras consideradas. Além disso, propõe-se que em cada estudo, em cada análise, em cada abordagem temática, propostos nos objetivos específicos deste trabalho; seja salientada a importância da investigação da contextualização histórica, pois o resultado - seja ele estrutural, formal e/ou funcional - é decorrência de um programa social que se constitui conforme desenvolvimentos históricos distintos. Por fim, todos os dados adquiridos são analisados juntamente com o orientador, para a comprovação ou não das hipóteses.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Como parte da compreensão dos paradigmas arquitetônicos coloniais e modernos, na sequência será apresentada uma análise referente à implantação, setorização e materiais empregados na construção da casa colonial brasileira e nas obras de Vilanova Artigas, para então delinear-se as conclusões da pesquisa.

4.1. ARQUITETURA COLONIAL

O Período Colonial brasileiro, segundo Peixoto (2008), estende-se entre os séculos XVI e XVIII, mais especificamente entre os anos 1500 e 1808, datas que demarcam, respectivamente, a descoberta do continente americano pelos colonizadores portugueses, e o ano da chegada da corte portuguesa, liderada por Dom João VI, que tornou a Colônia portuguesa ultramarina em Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves.

4.1.1 Implantação e entorno

Bonametti (S.D) diz que no Brasil, no período colonial, a forma das cidades e as edificações eram feitas tendo como base as construções de Portugal. No urbanismo pode-se observar características como o alinhamento das moradias construídas uma ao lado da outra, não apresentando um recuo lateral (Figura 01) (BONAMETTI, S.D). Esse alinhamento das casas, segundo o autor, definia onde passavam as ruas, que tinham como padrão a sinuosidade e larguras estreitas.

Figura 1: Implantação e entorno das casas.



Fonte: Cidades Sustentáveis (S/D).

4.1.2 Análise dos materiais

Quanto as opções construtivas, pode-se citar dois fatores determinantes: “o determinismo geográfico” utilizando materiais encontrados no local, e a contribuição de várias culturas pertencentes a trabalhadores livres, mestre de obras, juntamente com técnicas oriundas de pessoas africanas e indígenas (MENDES, 2011).

Esse determinismo geográfico definiria o material e a técnica a ser utilizada para as edificações. Como exemplo de técnica, pode-se citar o pau - a - pique, paredes autoportantes de pedra, tijolos de barro, adobe e a taipa de pilão (MENDES, 2011). Dessa forma, pode-se observar a diferença de materiais utilizados nas casas litorâneas, comparadas com as casas localizadas no interior do país. No litoral, onde há maior disponibilidade de pedras e cal, utilizavam-se esses materiais para as construções; no interior, utilizou-se mais o barro, tendo como característica a construção de casas com a técnica da taipa, tanto que São Paulo ficou conhecida como o “Império das Taipas” (AUGUSTO, 2010; MAYUMI, 2005).

4.1.3 Análise espacial

De acordo com Bury (2006) a distribuição interna dos ambientes das casas coloniais (Figura 02) seguia o padrão tradicional das construções portuguesas:

Segundo esse plano, o andar térreo apresentava um vestíbulo dando acesso à escada e a um corredor que levava ao quintal nos fundos da casa, onde também se guardavam animais. Ainda no andar térreo, havia um quarto de hóspedes, às vezes uma loja, depósitos, locais para os escravos e peças separadas para diversas tarefas domésticas. No primeiro andar ficava uma grande sala de recepções com varanda ou portas-janelas com balcões, dando para a rua ou praça. Dessa sala, um corredor central levava ao fundo da casa, tendo de cada lado pequenos quartos ou alcovas, muitas vezes sem janelas, alguns utilizados como quartos de dormi. Nos fundos, havia uma ampla sala de jantar e a cozinha, com uma escada externa descendo para o quintal (BURY, 2006, pág. 194).

Figura 2: Distribuição dos ambientes.



Fonte: REIS FILHO (2004), adaptado pelas autoras.

A disposição básica das casas coloniais perdurou até o início do século XX, período este que as inovações das técnicas construtivas – como o uso de elevadores e do concreto armado - possibilitando o surgimento das novas tipologias da construção verticalizada (ZORRAQUINO, 2006).

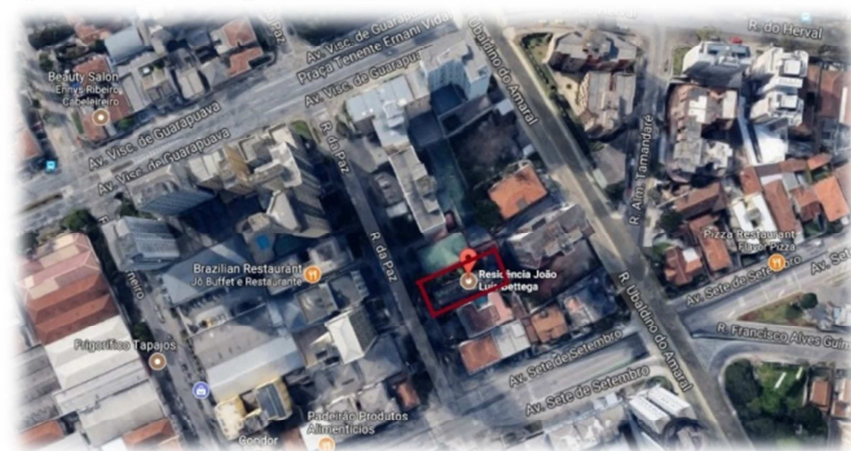
4.2 CASA LUIS BETTEGA – VILANOVA ARTIGAS

Nesta etapa da análise, apresentam-se duas obras do arquiteto modernista Vilanova Artigas, com o intuito de compreender-se a modificação da setorização e implantação de seus projetos edificados, em relação à tradicional disposição colonial. Além disso, a questão do emprego dos materiais construtivos modernistas é outro tópico a ser relacionado na pesquisa.

4.2.1 Implantação e Entorno

A casa, localizada no centro da cidade de Curitiba, foi projetada por João Batista Vilanova Artigas, para ser a residência de João Luis Bettega, e se encontra cercada de edificações, tanto comerciais quanto residenciais (FIGURA 03). Sua fachada principal é a Sudoeste e está voltada para a Rua da Paz. O terreno onde a construção está implantada tem 720m² (18m x 40m) de área total e cerca de 500 m² de área construída, com a obra locada predominantemente do lado direito do lote, deixando o lado esquerdo para o quintal (ARAÚJO *ET AL*, 2014).

Figura 03 - Casa Bettega Entorno



Fonte: Google Maps, (2017). Modificado pelas autoras

Segundo Araújo *et al* (2014), tanto o acesso principal como o de carros se dá pela fachada sudoeste da obra; o primeiro é possível em função das rampas ali instaladas, já o segundo localiza-

se no mesmo nível da rua. São por meio destas rampas que acontece também, o acesso de serviço posicionado na parte dos fundos do lote. Existe ainda uma escada de acesso a um consultório instalado na parte intermediária da edificação (FIGURA 04).

Figura 04 - Casa Bettega Implantação



Fonte: Curitiba Space, (2017). Modificado pelas autoras

De acordo com Oliveira (2008), há uma quebra de paradigma na implantação da obra com a locação do quintal posicionado na lateral, diferente do que ocorria nas casas coloniais onde o quintal se localizava na parte posterior do terreno (FIGURA 05).

Figura 05 - Casa Bettega Implantação

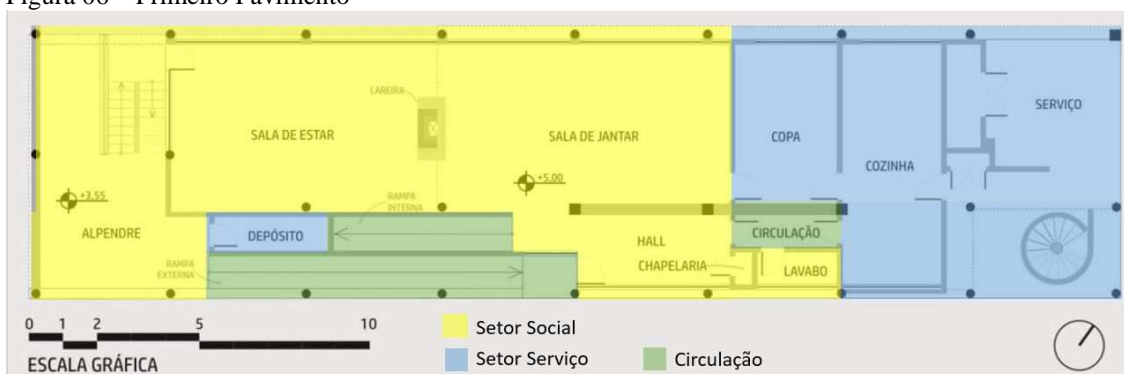


Fonte: Araújo et al (2014).

4.2.2 Análise Espacial

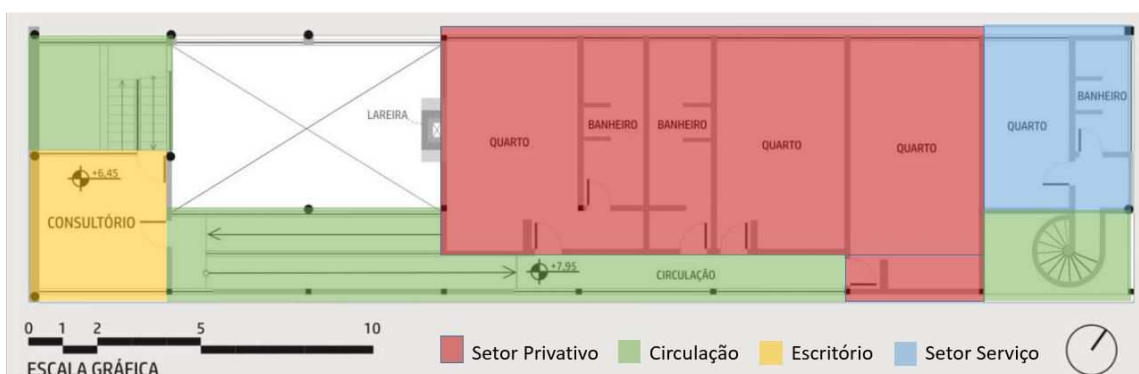
A casa Bettega foi projetada para uma família de 8 pessoas e seu programa de necessidades é composto por dois níveis, o primeiro nível com: sala de estar, sala de jantar, copa, cozinha, hall de entrada, chapeleira, lavabo, depósito, alpendre, garagem, área de serviço; e o segundo nível com: estúdio/consultório, uma suíte, dois quartos, um banheiro social e aposentos da empregada (FIGURA 06 e 07).

Figura 06 – Primeiro Pavimento



Fonte: HERMANN (2016). Modificado pelas autoras

Figura 07 – Segundo Pavimento



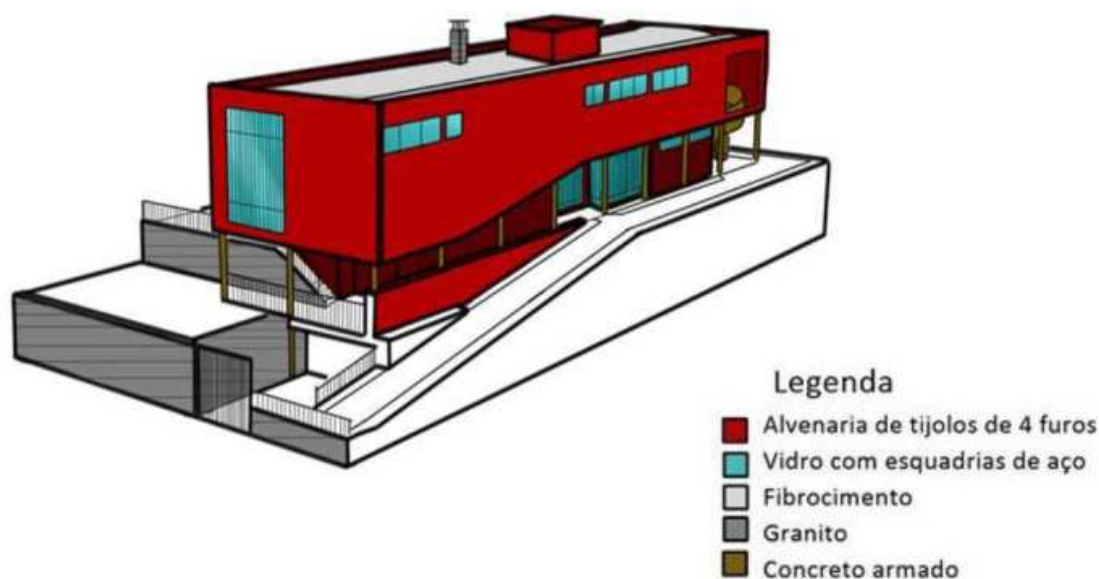
Fonte: HERMANN (2016). Modificado pelas autoras

Segundo a análise das plantas da obra, observa-se, assim como pontua Oliveira (2008), que há um provável rompimento entre áreas consideradas coletivas, com as áreas privadas e com a área de serviço. Pode-se observar também que a lareira se posiciona em um ponto central da casa, separando a sala de estar com a de jantar e ainda se destacando como elemento entre pé direito duplo e o normal.

4.2.3 Análise Dos Materiais

De acordo com Araújo et al (2014), os materiais utilizados na obra, deixam clara a vertente modernista do arquiteto. A parte estrutural da casa foi construída em concreto armado. Utilizou-se ainda alvenaria, tijolos de 4 furos revestidos por cerâmica bisotada, jacarandá, tinta e lambri de pinheiro. Para revestir a lareira, um dos pontos destaque da obra, utilizou-se granito, assim como nos muros externos. Já os materiais usados para as aberturas externas compõem-se de faixas de vidro com esquadrias de ferro, com exceção das venezianas dos quartos feitas em madeira – assim como as portas externas - e do material da entrada dos fundos mesmo material das portas internas. (FIGURA 08).

Figura 08 – Materiais utilizados na obra



Fonte: Araújo et al (2014).

Segundo Oliveira (2008), a cobertura foi elaborada com cobre e telhas de fibrocimento em três águas, formando um N, que é encoberto por uma platibanda. Os pisos internos são em parquet, composto por uma sobreposição de quadrados, e em granitina, nas áreas molhadas, enquanto os externos variam entre petit pavê e granitina. As paredes são revestidas com pintura, exceto na copa, onde há lambri de pinheiro. Já a cozinha e os banheiros possuem revestimento cerâmico bisotado. A lareira é revestida por pedras de granito (OLIVEIRA, 2008).

4.3 SEGUNDA RESIDÊNCIA DO ARQUITETO – VILANOVA ARTIGAS



Diferentemente dos padrões do início da colonização brasileira, como exposto anteriormente por Montezuma (2002), cujas casas possuíam técnicas construtivas, setorização e implantação padronizadas, na arquitetura moderna, segundo Xavier (2003), há um rompimento destes paradigmas e estabelece-se um novo conceito, segundo o contexto socioeconômico e cultural da época.

Para Reis Filho (2004), se na arquitetura colonial, os materiais empregados na construção e a disposição interna dos ambientes eram quase sempre os mesmos, culminando em casas construídas sobre o alinhamento predial e sem recuos laterais, o paradigma arquitetônico moderno dispõe de uma maior liberdade nos quesitos de implantação, setorização, espacialidade e uso de materiais. (BRUAND, 2005).

4.3.1 Implantação e Entorno

Considerando o exposto, analisa-se na sequência a segunda residência de Vilanova Artigas, cuja autoria é do próprio arquiteto. Elencada como um dos clássicos da arquitetura moderna brasileira, seu projeto é de 1949, sendo que sua linguagem arquitetônica promove os princípios modernistas efusivamente difundidos no período. Segundo Buzzar (2014), a residência localiza-se na zona sul de São Paulo, na Rua Barão de Jaceguai, 1151, no Bairro Campo Belo conforme ilustrado na figura 09. Quanto ao seu entorno, trata-se de uma área com vocação residencial, que possui inúmeros edifícios e casas térreas.

Com relação à sua implantação no terreno de aproximadamente 1000m², para Fracalossi (2014), esta foi feita na área central do lote, proporcionando a casa recuos laterais, de fundo e frontal e garantindo assim, a permanência da vegetação nas bordas do terreno. Sendo a fachada principal da residência à sudoeste (Rua Barão de Jaceguai), os acessos de serviço, principal (social) e de veículos também ocorrem nesta testada como apresentado pela figura 10.

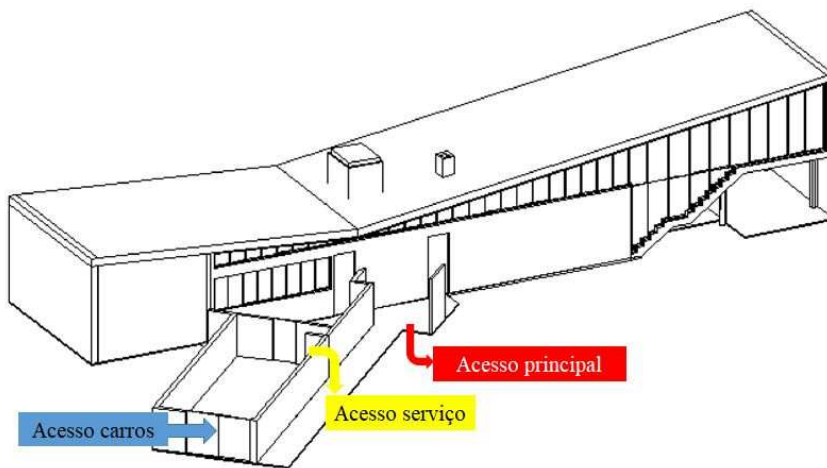
Os acessos da residência, conforme mostra a imagem 10, se organizam de maneira a formar um ângulo de 45° com a linha da testada principal e os demais cômodos. Pelo fato do terreno ser plano, a casa possui um único nível térreo interligado com o primeiro pavimento por meio de uma escada. (ARTIGAS, 2015).

Figura 09 – Segunda residência do Arquiteto



Fonte: Google Maps, (2017). Modificado pelas autoras

Figura 10 – Croqui volumétrico da segunda residência do arquiteto: implantação e acessos



Fonte: Archdaily (2014). Modificado pelas autoras

Depreende-se da análise das imagens acima, uma quebra dos paradigmas coloniais, uma vez que os recuos da residência e a disposição peculiar dos acessos garantem um caráter único para a edificação, descaracterizando a existência de qualquer padrão. (SEGRE, 2004).

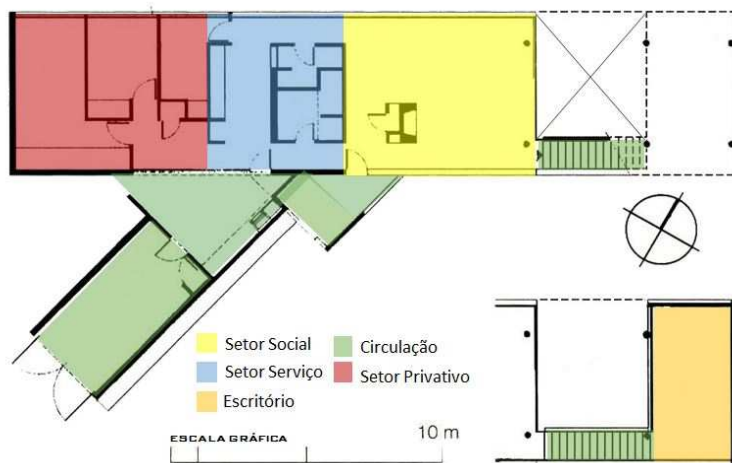
4.3.2 Análise Espacial

A partir da análise espacial da segunda residência do arquiteto apresentada pela imagem 11, pode-se observar, segundo Fracalossi (2014), uma setorização dos ambientes onde a área privativa fica “isolada” dos demais setores, diferentemente da planta do período colonial, que segundo Segre (2004), posicionava este espaço em uma região central da casa trocando de lugar com o setor de serviço.

As características das obras de Vilanova Artigas, incluindo a sua segunda residência, se encontram nas formas geométricas dos triângulos e retângulos que geram as soluções arquitetônicas, no chamado Modelo descritivo da Gramática das Formas, onde emprega o uso dos grandes vãos abertos e do concreto armado e aparente como material de edificação, ressaltando o perfil das estruturas e os esforços a que está submetida. (WEBER, 2005).

Artigas sempre valorizou a integração entre os ambientes e pensava seus projetos como uma continuação do ambiente externo, característica que, para Cereto (2003), não estava presente na produção arquitetônica colonial brasileira. Na imagem 11, compreende-se exatamente este pressuposto de interligar os espaços, o qual impacta no indivíduo que adentra a edificação.

Figura 11 –Setorização da planta baixa da segunda residência do arquiteto, 1949



Fonte: Archdaily (2014). Modificado pelas autoras

Considerando o plano de necessidades da residência, pontua-se a existência do setor de serviços como divisor dos setores íntimo e social, um paradigma que se contrapõe ao estereótipo da planta colonial brasileira. (FRACALOSSO, 2014).

Outro importante ponto de análise é a existência da lareira locada centralmente no setor social, presente tanto em sua segunda residência quanto na casa de Luís Bettega. Segundo disposto

por Frank Lloyd Wright, em suas *Prairie Houses*⁶, a lareira é concebida como o “coração da casa”, e sua centralidade seria o equilíbrio da residência. Assim, a partir da análise das plantas de Artigas, depreende-se uma possível ligação a este conceito difundido por Wright. (GLANCEY, 2001).

4.3.3 Análise dos Materiais

Considerando os preceitos da Arquitetura Moderna, Vilanova Artigas repete estes princípios em sua segunda residência. Como citado anteriormente, o arquiteto empregou materiais de concepções modernistas, como esquadrias em metal e vidro, concreto armado e tijolos maciços. (WEBER, 2005).

Para Fracalossi (2014), as composições geométricas dos ambientes e das fachadas são realçadas pela pintura em três cores principais: vermelho, azul e branco. As paredes internas e externas, apesar de serem feitas com tijolos maciços, são pintadas nestes tons, sem ressalvas.

Outro paradigma importante a ser analisado nesta residência do arquiteto é a fachada. Com características plásticas compostas pela laje borboleta e fachadas envidraçadas expostas pela imagem 12, trata-se de uma tipologia arquitetônica característica de seu período corbusiano, que, diferentemente dos princípios coloniais, permitiam a conexão entre interior e exterior. (ARTIGAS, 2015).

Figura 12 - Foto da segunda residência do arquiteto, 1949



Fonte: Archdaily (2014).

⁶ As *Prairie Houses*, ou casas de pradarias, segundo Glancey (2001), são residências urbanas construídas por Frank Lloyd Wright nos dez primeiros anos do século XX. Trata-se de casas para famílias de renome, cujo partido arquitetônico em cruz ou duplo “T”, envolvia a lareira – centro de força e ponto de cruzamento dos eixos imaginários. Considera-se que a primeira fase de Artigas é inegavelmente de influência wrightiana, e portanto, explicaria o uso destes princípios em seus projetos. (BUZZAR, 2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, ao se analisar o embasamento teórico obtido, percebeu-se a inversão dos setores de serviço e área íntima nos projetos de Vilanova Artigas, quando comparado com as antigas casas coloniais brasileiras, dessa forma, rompendo com o paradigma das mesmas. Esta modificação na setorização das obras de Artigas trouxe uma maior privacidade a área íntima, por outro lado, essa nova organização culminou com a integração do setor de serviço com outros ambientes da casa.

Com relação à implantação das obras, observou-se que as casas coloniais eram construídas no alinhamento predial, sem recuos laterais, influenciando no desenho urbano. O quintal destas casas localizava-se aos fundos do terreno. Já nas casas do arquiteto Vilanova Artigas, constatou-se que há recuos laterais e frontais, possibilitando desta forma que o quintal ficasse ao redor da obra.

Com referência à análise material, as construções eram edificadas utilizando-se materiais disponíveis no local, como barro, pedra, madeira, entre outros, dependendo do determinismo geográfico. Já as obras de Artigas, seguindo os parâmetros modernistas, eram também construídas com concreto armado, esquadrias em metal e vidro, evidenciando sua vertente modernista.

Assim sendo, conclui-se que Vilanova Artigas apresenta uma nova proposta de setorização, implantação e uso de materiais se comparado com o período colonial, quebrando o paradigma e estereótipos da arquitetura do Brasil colônia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Geovana; et al. **Casa Bettega: Vilanova Artigas – Curitiba, 1949**. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Arquitetura Urbanismo e Design Uberlândia, nov/ 2014. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/GeovanaAlvesA/fichas-para-o-blog-casa-bettega>. Acesso em: 04/09/2107.

ARTIGAS, Rosa; LIRA, José Taveres Correia de. **João Batista Vilanova Artigas: Caminhos da Arquitetura, 1915-1985**. 4. ed., São Paulo: Cosac Naify, 2004

BONAMETTI, João Henrique. **O poder do outro lado do mundo e a paisagem urbana da vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais**. s/d. Disponível em: < <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/joaohenrique.pdf> > Acesso em: 06/09/2017.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Trad.: Anna M. Goldberger. 4. ed., São Paulo: Perspectiva, 2005.



BURY, John. **Arquitetura e Arte no Brasil Colonial**. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira (Org.) Brasília, DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006.

BUZZAR, Miguel Antonio. **João Batista Vilanovas Artigas**. São Paulo: Senac, 2014.

CERETO, Marcos Paulo. **Arquitetura de massas: o caso dos estádios brasileiros**. Dissertação Mestrado em Arquitetura. Programa de Pós Graduação em Arquitetura PROPAP. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2003. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/> Disponível em: < <portal.iphan.gov.br/files/johnbury.pdf>>. Acesso em: 10/09/2017.

ENCICLOPÉDIA CULTURAL ITAÚ. **Biografia de João Batista Vilanova Artigas**. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13159/vilanova-artigas>> Acesso em: 03/04/2017.

FRACALOSSO, Igor. **Clássicos da Arquitetura: Segunda residência do arquiteto / Vilanova Artigas**. In: **Archdaily**, 2014. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-172411/classicos-da-arquitetura-segunda-residencia-do-arquiteto-slash-vilanova-artigas>>. Acesso em: 15/09/2017.

GLANCEY, Jonathan. **História da Arquitetura**. Trad. Luis Carlos Borges e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2001.

GUILLERMO, Fernando; RAMOS, Vázquez. **Glosando a bibliografia sobre Vilanova Artigas**. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**. v. 23, n.40, São Paulo: 2016. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/110533>>. Acesso em: 05/03/2017. [handle/10183/15856](http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/110533)>. Acesso em: 05/03/2017.

HERMANN, Fernanda Raquel Vier. **Casas De Artigas: Uma Análise Sobre A Evolução Da Produção Arquitetônica Do Arquiteto**. Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. Cascavel, Paraná, 2016. Disponível em: < <http://www2.fag.edu.br/professores/arquiteturaeurbanismo/TC%20CAUFAG/TC2016.2/FERNANDA%20RAQUEL%20VIER%20HERMANN/>>. Acesso em: 12/09/2017

MARTINS, Ana Margarida; ROSENDO, Catarina; ROCHA, Francelina. **A cidade é uma casa. A casa é uma cidade**. Exposição. Almada, Casa da cerca, 2001. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/pesquisa/bookshelf/book/928> > Acesso em: 09/09/2017.

MAYUMI, L. **Taipa, canela preta e concreto: um estudo sobre a restauração de casas bandeiristas em São Paulo**. Doutorado (tese) Pós graduação em áreas de concentração: Estruturas Ambientais Urbanas. Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-05052010-105239/pt-br.php> > Acesso em: 17/05/2017.

MEDEIROS, J. B.; TOMASI, C. **Comunicação Científica: normas técnicas para redação científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

MENDES, Francisco Roberval. **Arquitetura no Brasil: de Cabral a D. João VI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.



MONTEZUMA, Roberto. (Org.). **Arquitetura no Brasil 500 anos: uma invenção recíproca.** Recife: Universidade Federal do Pernambuco, 2002.

NEHME, Roberto de Passos. **Estrutura e Forma: A Valorização do Aspecto Construtivo, o Terceiro Vilanova Artigas.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/53737>>. Acesso em: 31/03/17.

NEVES, L. P. **Adoção do Partido na arquitetura.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

OLIVEIRA, Gisele Portela. C. **A Casa Bettega de Vilanova Artigas – Desenhos e conceitos.** 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Disponível em: [file:///D:/Documentos%202/Downloads/Giceli_Portela_Cunico_de_Oliveira%20\(1\).pdf](file:///D:/Documentos%202/Downloads/Giceli_Portela_Cunico_de_Oliveira%20(1).pdf). Acesso em: 07/09/2107.

PEIXOTO, Julio Afrânio. **História do Brasil.** 2.ed., Fonte digital. Digitalização da 2. ed. em papel Biblioteca do Espírito Moderno, Série 33, História e Biografia Cia. Editora Nacional – 1944. Transcrição para eBook, São Paulo: eBooksBrasil, 2008.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil.** 10. ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.

ROSA, Artigas. Uma morada de Artigas. In **Vitruvius**, 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.176/5453>>. Acesso em: 16/09/2017.

SANTOS, M. da G. Arquitetura moderna brasileira, dos pioneiros a Brasília (1925-1960). In: **Revista da Vinci**, v.3, n. 1, p. 37-56, 2006. Disponível em: <<http://www.up.edu.br/davinci/3/304>>

SEGRE, Roberto. **Arquitetura brasileira contemporânea.** Trad. Analice Schendel Kanto, Mariluce Filizola Pessoa. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do Trabalho Científico: um enfoque didático na produção científica.** São Paulo: EPU, 2001.

WEBER, Raquel. **A Linguagem da Estrutura na Obra de Vilanova Artigas.** Dissertação de Mestrado. 2005. Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/>

XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimentos de uma geração - arquitetura moderna brasileira.** São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

ZORRAQUINO, L. D. **A evolução da casa no Brasil.** Programa para análise de revalidação de diplomas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.zorraquino.com.br/textos/luis-delgado-zorraquino/personales/evolucao-da-casa-no-brasil-revisado.pdf>> Acesso em: 14/02/2017.